

historia: fronteiras



Vol. II

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)

Volume II



História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

MEMÓRIA E HISTÓRIA: SUBSTRATOS DA IDENTIDADE

Lucilia de Almeida Neves
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

Para Eduardo Galeano a memória é o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade¹. De fato, quando na busca de construção da identidade, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias, por meio de uma dinâmica que pode apresentar um caráter espontâneo ou direcionado.

Considerando-se a evocação do passado como substrato da memória, pode-se deduzir que em sua relação com a História, a memória constitui-se como forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda. Portanto, História e memória, através de uma interrelação dinâmica, são suportes das identidades individuais e coletivas.

Quando do emprego da metodologia da história oral, um projeto previamente elaborado por historiadores orienta o processo do ato de rememorar e relembrar de sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade. Dessa forma, os depoimentos coletados tendem a demonstrar que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente. Em decorrência, o ato de relembrar insere-se dentre as possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades

coletivas, uma vez que o relembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e também histórica de cada depoente.

A produção de documentos orais tem um duplo embasamento. Ou seja, o ofício do historiador e a memória individual dos depoentes. Como metodologia que busca captar o passado, a história oral constitui-se como espaço vivificador da relação entre a História, a memória e a identidade, pois como afirma Saul Sosnowski “o ato de recordar incita à reflexão permanente do ser na História”². Dessa forma, História e memória, enredadas na trama da reconstituição temporal, contribuem para o aguçamento da consciência dos sujeitos históricos de pertencimento ou de não pertencimento a organizações, grupos, instituições, países...

Na dinâmica da produção de documentos orais, a questão da identidade adquire, portanto, uma dimensão especial, traduzida pelo reconhecimento das similitudes e das diferenças, por intermédio do afloramento de lembranças e da construção das representações sobre o passado.

Portanto, memória e História, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos, por meio dos quais a identidade de sujeitos históricos pode melhor ser reconhecida e analisada como integrante da trama constitutiva da História.

1062

MEMÓRIA E HISTÓRIA: DINÂMICA DE UMA RELAÇÃO

Na antiga Grécia a memória tinha uma função considerada prioritária: conferir imortalidade ao ser humano. Ou seja, integrá-lo ao tempo por intermédio da história, fazendo do passado o suporte do presente. Em decorrência, a memória era considerada como possibilidade de atualização do passado. Além disso, tinha a função de registro do presente, evitando que o esquecimento se impusesse no futuro.

Portanto, a deusa Mnemosyne, uma das divindades alegóricas amadas por Júpiter, tinha a função prioritária de fazer do que passou tanto o sedimento do presente, como o esteio do futuro. Uma de suas filhas, Clio, que representa a História, trazia em si a seiva da eternidade; em outras palavras, constituía-se como antídoto do esquecimento.

No mundo contemporâneo muito se tem escrito e discutido acerca da faculdade humana de relembrar e rememorar. Dentre os diferentes tipos de memória já identificados por filósofos e historiadores, cabe destacar a memória social ou histórica que, de acordo com Marilena Chauí, é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores, de relatos, registros, depoimentos, testemunhos³. Para o historiador, esse tipo de memória, que se constitui como processo social ativo, é essencial tanto do ponto de vista da produção de novas fontes, como na perspectiva de preservação da documentação já existente.

Compreendendo a função social da memória histórica como sendo a de suporte da identidade coletiva, ao historiador cabe estimular e contribuir para que as condições de registro desse tipo de memória possa se efetivar de forma permanente.

Dessa forma, o profissional da História, ao dedicar-se à produção de fontes orais e ao engajar-se na defesa da preservação documental e do patrimônio cultural, investe no que podemos denominar de memória estimulada. Ou seja, através desse trabalho, retira da memória seu caráter espontâneo transformando-a em fonte de produção intelectual. Nesse sentido, ao se referir tanto ao ofício do historiador, como às atribuições dos lugares da memória - museus, arquivos, coleções, Pierre Nora afirma que não existe memória espontânea e que a necessidade dos homens de alimentarem a história com os resquícios do passado e de construir e manterem os referidos lugares da memória, traduzem a busca, pelo ser humano, da eternidade e da identidade social⁴.

Nesse sentido, a História, como produção de conhecimento, não só induz ao afloramento de lembranças registradas pela memória, como procura, por meio de um tratamento acadêmico racional, ordenar os vestígios, relacionando-os à trama de reconstituição do processo histórico em todas as dimensões que lhe são peculiares. Dessa forma, é lícito considerar-se a produção historiográfica como um segmento específico da memória coletiva. Um segmento caracterizado por utilização de metodologias apropriadas à produção do conhecimento, à recuperação

de informações sobre o passado e à realização de análises e interpretações sobre esse mesmo passado.

Portanto, não é incorreto identificar o historiador como um produtor de memórias, como um artífice do reordenamento do passado segundo as expectativas e indagações do presente. A História, afirma Guarinello, é uma produção intelectual e científica do saber que disciplina a memória, tira-lhe a espontaneidade, mas simultaneamente enriquece as representações possíveis da própria memória coletiva⁵.

Complementando essa linha de raciocínio, é possível estabelecer-se duas possíveis formas de relação da história com a memória. Na primeira, a história pode ser identificada como alimento da memória e, simultaneamente, a memória pode ser tomada como uma das fontes de informação para a construção do saber histórico. Na segunda, a História assume uma dimensão específica de cultura erudita, voltada para produção de evidências e, portanto, assume uma função destrutiva da memória espontânea.

No primeiro caso, pode-se inferir que a História, por ser fertilizadora da memória, acaba por contribuir para que a sociedade encontre pela própria História subsídios necessários ao processo inerente ao ser humano de busca de identidade. Trata-se, neste caso, das chamadas identidades sociais dos mais variados matizes e tipos: nacionais, raciais, familiares, religiosas, partidárias, culturais, ideológicas. Nessa dinâmica interrelacional, a História acaba por adquirir uma dimensão pluralista, que reconhece o homem como um sujeito duplamente ativo: construtor do próprio processo histórico e construtor do saber crítico sobre a dinâmica da história.

No segundo caso, ressaltam-se mais os aspectos contraditórios da relação memória e história destacando-se o fato de ser a tradição histórica um elemento regulador da memória e destruidor de sua espontaneidade. A História assume dimensões de exercício de poder, sendo inclusive capaz de produzir memórias oficiais e memórias dirigidas.

Na verdade, a oposição entre memória e História não chega a ser real. O que existe são atribuições diferentes, mas comple-

mentares entre cada uma delas, sendo que a necessidade de construção da identidade aproxima-as, tornando fértil a sua relação.

É a busca de construção e reconhecimento da identidade que motiva os homens a se debruçarem sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais que se constituem nas referências reais das lembranças. Na verdade, para se recordar e também para se analisar os processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos que se constituem como elementos peculiares do reavivamento mental do passado.

Nesse sentido, os lugares da memória podem ser considerados como esteios da identidade social, como monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme num processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro. O mesmo pode-se dizer da metodologia da história oral, que em sendo uma produção intelectual orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para se evitar o esquecimento e para se registrar múltiplas visões sobre o que passou. Nesse sentido, além de contribuir para a construção/reconstrução da identidade histórica, a “história oral” também empreende um esforço voltado para possibilitar o afloramento da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva.

Dessa forma, uma das maiores potencialidades da metodologia da história oral refere-se ao seu caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação do que passou, segundo a visão de diferentes depoentes. Trata-se de uma operação bastante complexa de produção de documento, que envolve simultaneamente intersubjetividades e também busca de construção de evidências históricas. O esforço do historiador quando da utilização da metodologia da história oral é no mínimo duplo: deve se voltar tanto para o estímulo ao afloramento aberto e dialético do ato de rememorar do depoente, quanto para a realização de uma operação intelectual que demanda crítica e análise, especialmente na fase de preparação dos roteiros das entrevistas e na de análise e interpretação do documento produzido. Nesse sentido, o estímulo à expressão da pluralidade, relacionada ao esforço de recuperação das referências constitutivas da identidade

de, pode ser tomado como elemento essencial do processo metodológico de construção de fontes orais.

A memória contém inúmeras potencialidades que podem em muito enriquecer o processo de reconstrução e análise das inúmeras variáveis constitutivas da dinâmica da história. Dentre elas, destacam-se as seguintes: reacender utopias de um tempo anterior; reconstrução da atmosfera de um outro tempo; representação de diferentes correntes de pensamento; reativação de emoções políticas, individuais, coletivas; rememoração de convivências e conflitos ocorridos na dinâmica da história. Na verdade, as potencialidades da metodologia da história oral, que tem na memória sua principal fonte informativa, são infindáveis, permitindo ao historiador, a seu critério, a adoção de abordagens históricas de características diferentes, com ênfase, por exemplo, no institucional ou no privado, no público ou no particular, na visão individual ou na visão coletiva.

Mas, independentemente de qualquer uma das opções, a questão da reconstrução da identidade ganha dimensão especial, pois a memória e a história, especialmente quando interrelacionadas, constituem-se em fundamento, em substrato identificador do tecido social.

1066

IDENTIDADE COLETIVA, MEMÓRIA E HISTÓRIA

A memória e a História são processos sociais, são construções dos próprios homens que têm como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. Dessa forma, “a memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo”⁶. Portanto, as motivações exteriores, como no caso da história oral, inúmeras vezes desencadeiam o processo de reordenação, de releitura de vestígios, e de reconstrução da identidade histórica.

Nesse sentido, a memória, ao constituir-se como fonte informativa para a História, constitui-se também como base da identidade, por meio de um processo dinâmico, dialético e potencial-

mente renovável, que contém no seu âmago as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente.

O homem é um ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, de seus laços identificadores. A identidade, além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta uma dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção da História. A História enquanto processo é compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob a forma de conflitos. A memória, por sua vez, enquanto um dos fatores presentes no resgate da história compartilhada, é esteio da identidade.

Mas a identidade é também um processo pelo qual o reconhecimento das similitudes e a afirmação das diferenças situa o sujeito histórico em relação aos grupos sociais que o cercam. A metodologia da história oral, por sua vez, é um procedimento que em muito contribui para que tais similitudes e diferenças sejam reveladas ou afirmadas, constituindo-se, portanto, num esteio seguro para a afirmação da identidade sócio-histórica.

O mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos. À História, enquanto processo cognitivo, do qual o homem é o principal sujeito, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de sua identidade, por meio de sua integração na trama sincrônica da vida em coletividade.

O ser humano tem múltiplas raízes: familiares, étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas. Sua vida é uma totalidade na qual entrecruzamentos diversos conformam a dinâmica do viver. Dessa forma, a memória e a História são, cada uma a seu modo, registros dessa pluralidade, ao mesmo tempo em que são também antídotos do esquecimento. A História, enquanto procedimento epistemológico, fornece conceitos, símbolos e métodos para que o homem, enquanto sujeito social, pense a si mesmo, em uma relação que faz o caminho do presente para o passado. Portanto, em muito contribui para construção das representações da memória coletiva e da própria representa-

ção da identidade, em seu caráter paradoxalmente plural e também definidor do que lhe é específico, peculiar.

Para Portelli, a história oral, que é um dentre os muitos procedimentos metodológicos de construção do conhecimento histórico, "(...) tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos"⁷. Nesse sentido, faz parte dos procedimentos metodológicos que lhe são próprios reconhecer a importância de cada indivíduo/depoente em si mesmo e em sua relação com a sociedade na qual está ou esteve integrado. Cada pessoa é componente específico de um amálgama maior que é a coletividade. Portanto, cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é a arte do indivíduo, mas de um indivíduo socialmente integrado. Dessa forma, os relatos e testemunhos contêm em si um amálgama maior, qual seja, o da identidade histórica.

1068

Quanto a essa questão, cabe uma análise sobre as potencialidades da metodologia da história oral frente à dinâmica da construção/reconstrução de identidades. Isto porque algumas características peculiares à própria história oral definem por si mesmas qual sua abrangência e quais seus limites. Dentre elas destacam-se as seguintes:

- 1) a história oral refere-se especificamente ao tempo presente, portanto, à história contemporânea. Nesse sentido, pode no máximo recolher registros, informações e versões sobre o acontecido em um espaço limitado de tempo, não comportando referências a um passado mais longínquo, a não ser como notícias ou registros de tradições que foram transmitidas de geração a geração;
- 2) o testemunho oral, como afirmam Amado e Ferreira, conforma o núcleo da investigação⁸. E como o mesmo representa o diálogo entre entrevistado e entrevistador, acaba por, inevitavelmente, registrar informações pertinentes às preocupações de no mínimo dois sujeitos diferentes. Dessa forma, o espaço da

história oral é, por sua natureza, o espaço da intersubjetividade e, portanto, do diálogo de diferentes identidades;

3) a história oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado, contribuindo para a construção da consciência histórica individual e coletiva;

Portanto, as potencialidades da metodologia da história oral são inúmeras, mas seus limites também são efetivos. Permeada por interlocuções, diversas supõe um trabalho prolongado que passa por inúmeras etapas, desde a pesquisa para preparação dos roteiros das entrevistas, passando por sua realização, por seu processamento e por sua análise. Enfim, por intermédio desse procedimento rigoroso de diálogo entre o historiador e o depoente, é possível produzir-se documentos que registram o que foi, como foi, o que deixou de ser e o que potencialmente pode vir a ser, tanto do ponto de vista individual como da perspectiva social e política.

Em suma, os historiadores são movidos por um imperativo ético que os impele a contribuir para o impedimento de que a memória histórica se desvaneça e de que as identidades se percam no fluir inexorável do presente contínuo. Ao se dedicarem à tarefa de fazer afluir o passado por meio de diferentes versões e de analisá-lo da maneira mais consistente possível, estão vinculando a razão histórica à memória. Em última instância, buscam cumprir uma função social de especial relevância: fazer do saber histórico tanto fundamento do conhecimento do passado, como da projeção do futuro e, além disso, empenhar-se para impedir que o consumo diuturno do esquecimento e da perda da identidade se constitua no signo maior da modernidade.

NOTAS

¹GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre, LPM, 1991.

²SONOWSKI, Saúl. "Contra os Consumidores do Esquecimento". In Sonowski, Saúl e SCHWARTZ, Jorge. *Brasil; O Trânsito da Memória*. São Paulo, EDUSP, 1994, p. 15.

³CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Ática, 1995, p. 129.

⁴NORA, Pierre. "Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares". In *Projeto História*. São Paulo, nº 10, dez. 1993.

⁵GUARINELLO, Noberto. "Memória Coletiva e História Científica". In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, nº 28, 1994, p. 181.

⁶NEVES, Lucilia de Almeida. "A Voz dos Militantes: O ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista". In *Xth International Oral History conference. Proceedings*. vol. 3. Rio de Janeiro, CPDOC, FIOCRUZ, 1998, p. 1527.

⁷PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um Pouquinho. Algumas Reflexões sobre a Ética na História Oral". In *Projeto História*. São Paulo, PUC, nº 15, 1991, p. 16.

⁸FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996, p. XIV.